

Bhanu Kapil

Incubação

Um Espaço para Monstros

TRADUÇÃO
Daniel Pellizzari



autêntica

Conteúdo

Prefácio manuscrito para reverter o livro e Anotações sobre monstros (1-3)	13
Notas contra um prefácio ciborgue	27
Texto para completar um texto	39
Algumas informações autobiográficas sobre ciborgues	47
Guia de Laloo para viajar de carona	75
Anotações para parar o carro (A-L)	89
Agradecimentos	99

Prefácio manuscrito para reverter o livro

1. Reverter o livro em duração. O que isso significa? Estou escrevendo para você. Estas anotações agora que é tarde demais.
2. Se o ciborgue sobre quem você lê nas livrarias é um imigrante do México atravessando a fronteira dos EUA sob um pátio iluminado por holofotes, minha ciborgue é uma mochileira punjabi-britânica com um visto J-1. Isto é a construção de um túnel observada a partir de um satélite – uma espécie de deformação côncava no pó da fronteira.
3. Ela mora em uma casa com outros, inclusive animais, criando espaços individuais de companheirismo e ardor. O que acontece quando essa vida doméstica inspira suspeitas? Quando o vidro reverte em sua coesão granular ao tema da arquitetura: o fracasso de uma casa em acreditar em seus ocupantes?
4. Acasalar com superfícies. Certo. Viajar de carona. Certo. Preparar uma xícara de chá Darjeeling e sair caminhando por uma calçada nos Estados Unidos. Vi isso em um filme com George Clooney; não, Natalie Wood. Na última cena ela, menina travessa, tira os sapatos enquanto a casa explode às suas costas.

Cometendo o crime, nem pisca. Beberica o chá. Segue caminhando. Eu queria escrever isso. Continuidade. Em sua relação com a perda. O prazer secreto de se recusar a viver como uma pessoa normal que usa vestidos/tem desejo sexual e dedos/sonhadora mas estabilizada no café das linguagens.

5. Quero fazer sexo com o que desejo me tornar. Essa afirmação diz respeito a mulheres que chegam a um país do qual ir embora seria um retrocesso. Então, ao escrever, fui tomada por um anseio – pelo quê? George em carne-e-osso? George Clooney em Idaho, fingindo dar caronas a mochileiros como laboratório para o próximo filme, em que ele interpreta um *serial killer* gentil? Não. Uma série diferente de ações. Complicado. Por exemplo, este livro me constrange. Meu sangue ferve ao imaginar você lendo. Tão íntimo. Um texto. Então é um documento ligado à vergonha que inunda o corpo para torná-lo vermelho. Quem não quer curar um corpo humano? Quem não quer um corpo humano perfeito? Assim, é inevitável que o corpo da minha mochileira seja feminino ou punjabi, fundido à produção de segredos. Não chegou nenhum email do internet *café*. Nada. Telefonemas, bobagens. Nojo. Digo, o que esta garota/minha garota está fazendo no coração de uma terra estrangeira, como um cão dotado de polegar? Minha Laloo, à beira de seguir em frente. Não faça isso, pequenina. Vestido vermelho. Não entre no carro.
6. Mas então, iluminada, uma esposa vermelha, mais ou menos, não exatamente, sai disposta a ver as coisas como são. Descreve um cenário bucólico virtual. Invade um vagão de carga. Bebe cerveja nacional. Certo. Ela faz isso e eu escrevo: um olho avariado com

filamentos votivos. (Estou escrevendo para você).
“Não faz sentido escrever para casa”. Então o quê?

Anotações sobre monstros(1-3)

Pré (1)

1. Aqui na casa. Querida Laloo, hoje pinteí a porta de amarelo e pregueí a imagem de uma mulher encarando uma parede vermelha, as palmas das mãos arrastando o vermelho para baixo. É você? É sangue? Ela usa veludo cotelê porque é 1978, e ela está pintando em algum canto de Iowa.
2. Cobrindo o pedaço de papel com camadas de fita adesiva. Adesiva mesmo, como uma função celular: o espaço central cercado por ou embalado em uma membrana transparente que parece viva. Eu escrevia sobre você (Laloo) e depois colava lá em cima, na porta sobre a mulher, na casa mais bonita do mundo. Cobrindo tudo com fita, como se fosse uma perna ou um joelho avariados. Hoje você é minha garota avariada.
3. Não é a mesma coisa quando apenas escrevo no meu caderno. Gosto do papel avulso. Visualmente, uma série. Então posso dizer às visitas: o que virá em seguida para uma garota vermelha? Não se importam. Só querem o chá ou o café e se satisfazem compartilhando histórias elaboradas sobre a juventude feminina. Exaustas, deitamos as cabeças sobre a mesa da cozinha, uma de cada vez, chupando um pedaço de chocolate ou balas de alcaçuz Panda, ouvindo palavras óbvias saindo de uma garota. E que garota. Às vezes você tem quinze anos nas histórias que conto. Às vezes você não tem o vermelho da tecnologia mas

é monstruosa ou infravermelha, visível através das paredes de uma casa.

4. Certo. Monstros. Não, preciso do meu caderno. Certo, aqui está: “Se ciborgues”. Se ciborgues são lisos, então Laloo... Também seria? Você é? Não sei o que isso significa, a definição biológica de ciborgue, exceto que preciso decidir quem você é, pequeno camarão cor-de-rosa/fluorescente, pequena Laloo, antes de escrever sobre você abandonando o mar e tomando o rumo da praia. Pré-texto. Revertido. Talvez a cirurgia de modificação, imperfeita, faça você parecer, ao olho destreinado, um tanto artificial. Preênsil. Ou se isso seria, numa comunidade, algo a que mesmo amantes/clientes ou *host families* poderiam se adaptar. Sua vermelhidão e falta de linguagem. Pequenas quantias de perda. Seria seu sangue verdadeiro o responsável por você ser tão abundantemente você mesma, Laloo? Seria o sangue falso, guardado em ampolas no departamento de efeitos especiais? Visto você de vermelho ou pinto você de vermelho, sobrepondo sua forma delicada à forma escarlate do carvão, um creiom rombudo, macio e colorido.
5. Coloco minha mão na sua, embora você nada sinta ali, onde ofereço meu apoio a você. Quando a descrevo, mergulhada na história com seu hospital delicioso e pacientes imprevisíveis, você a sente pelo corpo todo – a mão prestativa do motorista ajudando você a subir no caminhão, em algum canto de Illinois ou Maryland – e, num sentido espectral, também a sinto no meu próprio corpo. Sinto (sua mão) e me adapto, imediatamente, ao tropo ou infidelidade da história que estou contando. Sua mão verdadeira dentro da prótese dentro da luva.

Desejo (2)

1. Mas hoje eu estava pensando sobre nossa conversa no verão passado. Exausta, você deitou a cabeça sobre a mesa da cozinha e disse: “Mas qual a diferença entre um monstro e um ciborgue? Preciso comer alguma coisa. Tem chocolate?” Abrindo a geladeira, respondi em voz baixa e talvez séria demais, tentando impressionar você: “O monstro é aquele ser que se recusa a adaptar-se às suas circunstâncias”. Seu destino. Seu corpo. Grã-Bretanha. Você quis saber: “Mas então, Lalo é inglesa ou britânica?” Respondi: “Ela é de Londres”. Mas quanto mais eu dizia Londres, mais soava como piada. LondresLondresLondres.
2. Hoje eu estava pensando sobre o que acontece quando você segue em frente dentro de um carro. É algo que só pode ser feito por aqui. Desejar algo. Já aconteceu com você? Desejar não estar ali? Quero esse *seguir adiante, seguir* mesmo que não me seja muito claro o que acontece quando você chega ao canal do Panamá ou a Idaho. Criança genuína, viajava de carona por Idaho quando fui apanhada por um casal de fazendeiros, Gordinha e Paizinho, a mais ou menos cento e sessenta quilômetros de Boise. Gordinha era magra como um palito e tinha uns setenta e cinco anos, e Paizinho era um homem enorme que tinha uma poltrona reclinável em cada cômodo e parecia mais jovem que a esposa. Eles me apanharam com sua picape – eu estava no acostamento, desmanchando os nós do cabelo com os dedos – e passei cinco dias com eles. Comentaram que não era certo eu ficar a céu aberto daquele jeito e todo dia me levavam para comer num restaurante chamado Country Buffet. Sem saber, eu estivera caminhando por uma estrada que levava à fortaleza rural de um

líder/agente da KKK, Charles Reynold. O que é um agente? Alguém que vive planejando uma maneira de entrar, como a raposa de cauda lindamente vermelha e peluda que tenta invadir o galinheiro. Paizinho, Gordinha e eu nos entrincheiramos até o sobrinho de Paizinho, Robert, aparecer por ali durante seu percurso por lugar nenhum e me dar uma carona até Boise, onde havia uma rodoviária. Esperei Robert ir embora e caminhei até a rua principal para comprar um café e entrevistar assassinos. “Posso levar você até a fronteira do estado”. “Seria ótimo”. Obcecada, longe de casa e suas groselheiras e profissões terríveis dependentes de vagas abertas no aeroporto de Heathrow ou na Nestlé, os principais empregadores na região decadente da zona noroeste de Londres que constitui minhas origens, respondi que sim. Um sim delicado para a cor verde, que é seguir em frente.

3. É uma árvore (seguir em frente) mas também um oceano: um jeito de ficar saturada de cores que só acontece comigo quando estou em seu país; com você pode acontecer noutro lugar. O meu. Como Laloo, morei por muitos anos em uma ilha com fluxos de tráfego congestionados. Assim, um zimbro que passa voando pela janela, intensamente azul, ou o oceano Atlântico à esquerda, se o carro avança para um destino ao sul, como as ilhas Keys da Flórida, são mágicos para mim. Improváveis, à luz de minhas origens. Dela. A garota no carro. Não sei. Estou escrevendo para você, usando seu vestido especial de escrever feito com retalhos de renda como se (o vestido, a manhã de escrita à sua frente) fosse um café; como se, escrevendo, você hipnotizasse não apenas as biólogias de estranhos e amigos mas também a si mesma. Por esse motivo,

quando penso em você lendo, penso em você como se escrevesse cegamente. Você lê, mas também está escrevendo. Como se meus próprios olhos estivessem fechados, enxergo seus livros brancos flutuando pelo céu sobre minha pintura da garota vermelha. Esses livros são distintos da minha própria obra neste caderno de água salgada, mas se comunicam com ela num sentido não local. Como pássaros.

4. Isso é pré, mas o caderno é depois. Já encharcado nas beiras, espumando. Futuro passado. Escrevendo na deformação, quando seca. Páginas. Anotações à mão. Esta é a manhã em que acordei e fui até o oceano Pacífico depois de passar a noite num hotel de beira de estrada em Florence, no Oregon, que contava com uma porta vagabunda e a realidade de travesseiros. A mulher na recepção vestia um avental muito bonito com flores roxas e amarelas. Uma expatriada, ela disse com exagero, cega à nossa origem comum: “Uns seis quilômetros. Você não vai a pé, vai? Tem um guarda-chuva? Não pode sair assim, meu amor”.
5. Caminhei na direção do som de algo que ribombava naquele dia, o tipo de dia que parece escuro mas é iluminado em sua margem proximal e arborizada por tojos, flores amarelas e brilhantes. Amarelo-limão e uma espécie de telhado metálico ou prateado, cheio de buracos. O dia. Como caminhar por um cenário sonhado encharcado com a chuva errada. Monção. Que tipo de chuva é essa? Reconheci a imensidão, mas não a temperatura. Era monstruoso: a incapacidade de assimilar, no nível dos sentidos, uma experiência climática ordinária. Aqui está a língua, por exemplo, constantemente assomando para sentir o ar: o que é isso? Verão? Uma estação diferente? É um dia

diferente. Tudo bem. Avariada pelas viagens, de algum modo confusa, terrivelmente ansiosa, uma garota o faz de qualquer modo: se levanta e segue em frente. É como se, em vez do contrário, o dia dela tenha lembrança.

Infância alucinante (3)

1. “Um monstro alucina; a pauta de um ciborgue é mais sexual. Acasalar com superfícies é sexual. Escrever no café como um exilado é sexual”. Ah, cala a boca. É bem diferente se engasgar. É bem diferente ir embora de um jeito ruim, mágico. Extrair uma pessoa de um conjunto de condições, abruptamente, é complicado para a alma. Já sentiu isso? Você, não Laloo. Estou escrevendo para você, alguém que escreve. Quando criança, no espaço anterior à escrita, você sofria ao ir às casas das outras pessoas? Sentia que eram casas superiores à sua, repleta de ultrapassados margarinas e vinagres para conservar e em seguida cozinhar vegetais e animais? Nasceu ciborgue numa casa de monstros brutais que discutiam sobre tudo, até horários de comer e dormir? Ou por acaso, com o passar dos anos, foi sentindo aos poucos que era uma cidadã nascida de imigrantes? Por exemplo, poderia eu perguntar se você já teve a impressão de que, no hospital, você foi retirada da incubadora errada por uma enfermeira exausta e faminta às vinte e uma horas de um turno de quarenta e oito? Algo a respeito dos monstros é formulado nessas horas ou dias imediatamente posteriores ao nascimento; um nascimento complicado ou normal que, de qualquer modo, se conecta a uma confusão profunda nas entranhas das rotinas de transferência. A enfermeira transfere você dos braços de seu genitor natural para uma bacia e

desta para uma espécie de bandeja retangular e funda. É a incubadora, onde mãos envoltas por luvas de látex roxas massageiam você através de uma parede flexível e transparente, encorajando a circulação dos membros. Você gradualmente vai ficando rosada porque todo toque é bom, mesmo para Laloo, que foi para casa com ciborgues. “Laloo é um ciborgue ou um monstro?” Laloo significa vermelho. É um apelido punjabi que costuma ser dado a crianças, e que na maioria dos casos é deixado de lado assim que elas crescem e os pelos começam a brotar e o sangue a pingar por todo o carpete branco dos anos 1970 que se estende diabolicamente até o banheiro e a cozinha.

2. Pré-vida: uma imagem titubeante na tela, semelhante a um coma no hospital. Carros estendem essa pré. No estacionamento, um monstro entra no carro e sai em seguida para esperar o próximo, fragmentando tudo para si. A ação humana. Como uma frase. Muito ruim. Como uma garota, está começando a sentir, e assim o entorpecimento que sente dentro de carros é tanto um obstáculo para o amor, seja o amor de uma pessoa ou de um país, quanto uma dádiva. Como um casaco. Aqui estou eu falando de viajar de carona, que é o futuro. Como pode uma garota seguir em frente, abandonando torradas com manteiga no café da manhã e chuva congelante iluminada de dentro para fora por postes ambarinos nas manhãs de inverno. Aquela combinação cambiante de índigo e amarelo que ela procura aonde quer que vá. Ásteres e solidagos ao longo das rodovias ao norte do estado de Nova York. “Olha”. Ou o quê?
3. Como guarda-sóis e seus longos triângulos alternados de cor. “Tome”. Gordinha me estendeu uma nota de cem dólares enquanto Paizinho e Robert fuçavam na

picape usando cordas alaranjadas para prender minha mala na carroceria. Tirou a nota do avental com o sorriso mais doce que já vi. Eu a amei. Eu os amei. Tecnicamente, aos vinte anos de idade, eu ainda não era adulta. Adultos bebem cerveja demais, com fatias de limão. Robert era meio chato, mas também o amei. Patsy Cline no rádio, algo que nunca acontecia no pré-pré, no caso a Inglaterra.

4. Estou escrevendo para você porque é particular e separado, como pensar.
5. “Ciborgues são construídos para serem assimilados em casas e fábricas”. Estou entediando você? Quer um café? “Você se adapta a eles, que aprendem a fazer perguntas e verificam suas respostas antes de prosseguirem. Enquanto nos filmes de terror nem sempre é possível diferenciar um ciborgue de uma pessoa, monstros são sempre identificáveis como tais pelo cabelo negro e comprido e os braços múltiplos que se recolhem ao torso quando fazem amor e viajam de carona, porque até monstros se apaixonam, querem seguir em frente e ver no que vai dar. Reprodução infinita é uma chatice”. O leite está na geladeira. Escrevi dez Laloos, em seguida matei uma por uma.
6. Minha amiga, é 00h06. Agora tenho que parar de escrever e ir para o trabalho. Escrever é pensar. Não gosto de imaginar você viajando de carona, uma figura vulnerável com roupas eduardianas. Por favor, me revele meu futuro. Sua vulnerabilidade como escritora a torna muito aberta a imagens astrais, das que se refratam daquele outro lugar. Ao ler mãos ou praticar a hipnose, atividade que sustenta sua escrita no sentido econômico, você por acaso encaixa essas

imagens integrativas em destinos? Quando escuto a palavra destino, desligo. Cara amiga, para onde fui? Para onde vou? Quando você lê a minha mão, é como se hipnotizasse minha biologia. Será que um leitor hipnotiza um escritor na mesma medida que o normal, ou seja, o inverso? Isso é separado. Diga. O que me possibilitou morar numa cidadezinha? Tocarei e serei tocada nos dez pontos de clareza momentânea do dia, um para cada hora desperta, como os outros em suas unidades residenciais? Tenho essas dúvidas desde a infância. “Cala essa boca, idiota, antes que eu cale pra você”.

7. Uma imagem da infância para Laloo: vejo um corpo, seu contorno contra as barracas, descendo na direção da praia. Os gestos dela são desacelerados, repletos de rastros brancos. Com precisão e delicadeza infinita, ela coloca uma língua vermelha na espuma. Algas vermelhas secas ao sol mais adiante na praia. É uma língua, isso que ela traz nas mãos, separada da boca. Uma foca torce o pescoço para olhar para ela e assim permanece, a cabeça escura subindo e descendo sem sair do lugar. Elas se encaram ao luar, que é o espaço pré-animal ainda sem tecnologia para a comunicação entre mundos. Nenhuma troca de fluidos ou corpos no centro do texto. Nada. Nenhum hospital delicioso com rotinas complexas de saúde, de trazer pessoas de volta da beira de algo.
8. Um monstro rechaça a própria vida, e é por isso que posso apenas escrever para você. Foi você quem disse, na sua última visita, em frente a uma bandeja de biscoitos de amêndoa e chá Assam: “Quanto mais você rechaça a vida, mais escreve. Escrever é

isso”. Rasguei aquele pedaço de papel e coleí com fita adesiva na porta de entrada, perto da fotografia da mulher com os vermelhos contínuos, da imagem de obediência que ela oferece aos visitantes ocasionais.

9. Aqui na infância, no limite da casa, o que ela está fazendo? Vejo ela sair do próprio corpo e não gosto nada disso. Sua pele. Sua pele era perfeita e agora está toda esticada. Marcas prateadas em pele morena, como gravidez. Não conseguiria impedir que desse à luz a si mesma nem se eu tentasse. Às vezes ela vai embora e não volta, batendo a porta. Às vezes ela esconde uma gravidez, ainda que tenha nove anos de idade. Às vezes ela é verdadeira e a levam para o hospital contra sua vontade quando ela reclama de uma dor de estômago terrível.
10. Um monstro se recusa a esperar pela parteira, pelo cirurgião, pela mãe, pelos residentes ou pela enfermeira nigeriana, Fidelia Chimara, que tem uma agulha e acredita em Jesus e sua hoste de anjos. A agulha é deixada, babando, sobre o lençol branco; a enfermeira volta com ataduras e encontra um leito vazio, que ela volta a preencher em instantes com uma breve requisição para um auxiliar. Sei o nome da enfermeira porque ela falou quando me trouxe chá da máquina. Exausta, eu estava esperando há séculos.
11. Aqui: “Saí intacta para o macio precipitado. Então não era mais o que fui naqueles primeiros dias partidos e suas desculpas. Desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, por favor me perdoe”. Você me escreveu estas palavras há muito tempo, e eu as guardo como emblema do esforço de alguém para voltar à vida a despeito de suas habilidades. Colei na porta. Estas suas. Você é meu contato humano. De

campos nevados marcados com círculos de cobre, vistos do alto: escrevo para você, uma espécie de discurso, em meu caderno. Você é mulher? Você foi uma garota? Perdoo você. Olha, eu estou escrevendo estas anotações para você a bordo de um JetBlue, sobrevoando o coração do seu país em direção ao leste. Se você é branca, significa que foi rosada há muito tempo, na infância? Rosa é um tom preliminar de vermelho? Você é uma esposa vermelha? Desculpe. Não parece certo. Por favor, me perdoe.

12. Não. Progredir a biologia. O que é uma garota contínua? “Um monstro rechaça a infância com suas bagas e partidas”. Uma partida é o que você tem. Nesta cena, uma cena de infância ou Natal com vermelhos e verdes contra um fundo branco, a garota diz não ao festival local. Enquanto os adultos saboreiam porções generosas de frango *tandoori* e pão frito, ela escapa para a verdadeira Inglaterra. Ali, embora ainda seja muito jovem, nove anos de idade, talvez dez, já menstruando mas vestindo uma *shalwar-kamiz* de garotinha, enfeitada com lantejoulas, ela entra no Ford Cortina do pai e pisa na embreagem. O carro engasga, tosse e então segue. Graças à neve úmida, ninguém, nem mesmo a polícia, a percebe dirigindo até o fim da rua e então virando à esquerda. Quando chega em Dover e seus empórios de bolos e geleias e centros de detenção que contam até com intérpretes iraquianos e franceses, está exausta. Não é mais o que alguém chamaria de garota, ou mesmo de britânica. Acaba detida por engano. “O gato comeu sua língua, meu amor?” Depois de algumas semanas eles a colocam num trem para cruzar o Canal. Isso a faz entrar em pânico, pensar em ir para casa e dizer “desculpem,

estou pedindo desculpas, nunca mais vou fazer isso de novo”, mas é tarde demais. Nesse sentido, em silêncio e tomada por uma espécie de confusão intensa, ela se vinga da ideia de infância e suas estruturas e costumes inescapáveis, e escapa.

13. Eu perguntei, “O que é um monstro?”. Você respondeu: “Qualquer um que seja diferente”. Achei tão fantástico que anotei no meu caderno, no qual tenho escrito para você. Arrancando as páginas enquanto prossigo.